

MITO E PODER NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE OU ENFOQUE SOBRE A «SOBRALIDADE»: A CONTRIBUIÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

*Nilson Almiro de Freitas**

Resumo: Este trabalho foi realizado na cidade de Sobral no estado brasileiro do Ceará e tem como objetivo compreender as representações sobre o processo de construção da identidade coletiva local e a forma como estas representações são reproduzidas a partir da memória e das práticas da elite local (intelectuais, políticos, empresários e imprensa), e caracterizadas como marcas simbólicas, projetadas no espaço público (mídia, projetos dos poder público, discursos oficiais, etc.), dos "grandes" heróis que fazem a história da cidade (polifonia de representações em suas múltiplas dimensões). A população desta cidade média do sertão cearense, principalmente sua elite, tem nos dias de hoje, cultivado um forte sentimento de pertença a partir da qual o processo de orientação e organização da subjetividade, construída pelos sujeitos e grupos sociais no contexto do espaço urbano de Sobral se dá, dentre outros, com elementos ligados à memória, lembrando a tradição e elementos ligados aos parâmetros modernos de convivência como: a democracia da fala, reconhecimento das diferenças, autonomia política, progresso do ponto de vista econômico, higienização dos espaços, etc. O tradicional, pautado, dentre outros recursos, no mito do "herói" da cidade, é usado para justificar o novo ou moderno, dimensionando uma idéia de unidade e uma construção de uma estabilidade emocional mínima que possa conduzir a um processo de construção de uma "sobralidade triunfante" (categoria "nativa").

Palavras-chave: Representação da Identidade, Elite política, Representação do "herói", Invenção da Tradição e Modernidade.

Uma grande parte do espaço urbano de Sobral, cidade localizada a 225 km da capital do estado do Ceará, Fortaleza, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional no ano de 1999. Este tombamento corresponde ao momento histórico em que Cid Ferreira Gomes encontra-se como dirigente da Municipalidade. Eleito em 1996, tinha como base um discurso pautado em um núcleo central que fala da necessidade da retomada de uma "sobralidade triunfante", que, segundo ele e os grupos políticos que o apoiavam, estava a muito tempo esquecida pelas administrações municipais anteriores. Após a vitória, a administração Cid Gomes elege como seu slogan "Sobral no rumo certo". Na imprensa era comum encontrar depoimentos de membros da elite da cidade exaltando a necessidade de uma modernização, embelezamento e organização do espaço urbano tendo como inspiração um memória que recorda de um passado de "glórias" e opulência".

A idéia da "Sobralidade triunfante" tem como fonte uma memória que fala de uma "pompa" e a "glória" referente a períodos e fatos passados. A pretensão deste discurso e de que sejam motivo de orgulho ufanista para os diferentes segmentos dos habitantes desta cidade. E esta memória está presente nas notícias que apresentam os espaços sociais, monumentos e lugares tombados pelo patrimônio histórico nacional "inventando" uma "tradição" (Hobsbawn, 1984). Uma "tradição" que "triumfa" e fala de um sentimento de autonomia, pioneirismo e superioridade sobre as identificações associadas às demais cidades cearenses.

* Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Há uma construção ou “invenção de uma tradição” que propõe uma harmonia e sintonia entre representações e memórias que denotam uma determinada ordem nas relações de poder estabelecidas. Hobsbawm (1984) define como “tradição inventada”, práticas regulamentadas por regras e princípios aceitos abertamente. Neste sentido estas práticas são ritualizadas e tendem a introjetar nos sujeitos sociais determinados valores relativos a normas de comportamento utilizando como recurso a repetição. Desta forma, constroem, implicitamente e explicitamente, um desejo de continuidade em relação a um passado histórico selecionado e apropriado à cada situação visível nas práticas sociais cotidianas.

TRADIÇÃO E ELITES SOCIAIS

A tradição “sobralense” é usada para justificar o que a elite chama de “novo” ou “moderno”, assim como o “moderno” tende a ressaltar elementos considerados importantes no processo de retomada do “rumo certo” em Sobral. Esta relação entre o “moderno” e o “tradicional” presente no discurso da administração municipal de Sobral (1997/2000), dimensiona uma idéia de unidade que possa conduzir a um processo de construção do que a elite da cidade chama de “sobralidade triunfante”.

Considera-se aqui membro da elite aquele que possui um lugar específico, colocado em contraste à posição social do homem comum. Com base em Chauí (1984), pode-se dizer que o termo elite é sinônimo de poder. Com a posse tanto dos meios de produção quanto do acesso ao saber, é considerada, a nível de senso comum, como “o melhor de uma sociedade”, o escol. É uma minoria prestigiada e dominante na cidade, constituída por indivíduos reconhecidos por seus habitantes como “poderosos”. O conceito de elite está pautado na representação de “autoridade”, justificando racionalmente a relação entre as diferenças dando a elas inteligibilidade. Ou seja, a dimensão da contradição entre os diferentes grupos sociais é racionalmente ocultada por uma idéia geral que dá sentido às relações de poder presentes no cotidiano dos habitantes da cidade.

Neste modelo baseado na relação entre “autoridade” e “discípulos”, que constrói uma lógica formal particular de representar a organização da sociedade, a elite procura localizar-se e construir sua imagem a partir do saber que esta organização julga possuir sobre ela. Ela constrói uma representação de uma “referência ideal”, ou melhor, um “dever ser” com base no que ela pensa ser e no que se fala que ela é. Esta representação alimenta-se da histórica, pois é fundamentada em lembranças selecionadas do passado transformado em tradição, ao mesmo tempo que está inserida no presente pelo que se fala sobre sua caracterização no passado que deve ser preservado. É também pautada no futuro pela referência ideal a ser perseguida pelo presente.

No caso de Sobral, conhecendo um pouco o discurso social que legitima esta relação entre elite e homem comum, os que podemos chamar de elite são os representantes da imprensa local que tem um forte poder de acumular e projetar um saber sobre a região, os detentores do poder público (executivo, judiciário e legislativo), os que assumem os cargos mais importantes da Igreja, os representantes das associações e sindicatos patronais e os representantes da intelectualidade literária, artística e acadêmica (professores da universidade, romancistas, artistas plásticos e poetas famosos). São a estes que são associadas representações que os colocam em um lugar privilegiado na lógica local das relações de poder. São a estes que os olhares e ouvidos do homem comum voltam-se atentamente. A eles são construídas representações que os identificam como elite e que lhes servem como fonte para produção de discursos utilizados como afirmação e naturalização das relações sociais existentes no presente.

Em Sobral, os vários grupos sociais, inclusive aqueles que compõem a chamada aqui de elite, constroem, delimitam e classificam características específicas aos espaços sociais e aos acontecimentos históricos, com base na memória e no sentimento específico à sua finalidade na orientação de significados e itinerários dentro do contexto espacial mais amplo da cidade. O espaço social localiza, indica o caminho e serve para idealizar a relação dos indivíduos e dos grupos com o território que habitam. Assim, como os “grandes fatos que marcaram a história da cidade”, selecionados com base nos interesses da elite na definição da imagem ideal do “sobralense”, tendem a ser constantemente lembrados e exaltados, com vistas a construção de determinadas condutas e posturas as quais o homem comum deve respeitar.

A “sobralidade” aliada a idéia de pionerismo, riqueza, nobreza de caráter, dentre outras, constitui um modelo de compreensão de um processo de identificação construído pelo discurso de um segmento social da cidade e apropriado pelos que hoje ocupam a Municipalidade (período 1997/2000). Este modelo norteia suas ações administrativas e políticas no âmbito da cidade.

PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DISCURSO MÍTICO

Este exemplo de processo de identificação associando características intrínsecas a habitantes de um espaço social, não é um caso isolado. Este modelo pode ser localizado nos discursos tanto privados como públicos em várias formas de delimitação territorial. Pode-se escutar nas ruas de qualquer cidade ou comunidade, discursos, tanto de membros da elite da cidade como do "homem comum" (Certeau, 1994), falando de uma identificação atrelada ou a um bairro, município, região ou até país, dentre outros espaços territorialmente definidos.

Este tipo de discurso compõe o que pode-se denominar de uma manifestação de uma fala mítica apesar de vivermos hoje em uma sociedade que tem como princípio fundamental de sua existência o saber científico. O discurso mítico propõe, como diz Caillóis (1972) uma compreensão do mesmo no outro, ou a unidade na diversidade, queimando etapas de um sistema metódico de classificação social elaborado por um saber científico que tem a intenção de perceber particularidades e diferenças.

Um sistema cientificamente elaborado aplicado à compreensão do mito, percebe lacunas e insuficiências que não podem ser ultrapassadas, construindo no cientista pesquisador uma tentação insuportável de atribuir maior importância à uma pressuposta falsidade a ele do que uma positividade. O mito, que preserva uma aura de finalidade sem fim, facilita uma afirmação de uma posição social e cultural no mundo, nos quais os dados históricos constituem o elemento aliciador que não pode faltar. Os dados e informações que são comunicadas pelo mito, são, portanto, seleções socialmente construídas, resultado da convergência entre um lugar geométrico e a confrontação de forças existentes neste lugar.

Apesar do esforço da ciência moderna em destruir tudo que é vago e impreciso, o mito consegue manter-se, metamorfoseando-se e afirmando sua presença em todos os lugares. Isso porque, como lembra Balandier (1997), a ciência acaba concedendo a ele o que sua atividade jamais pode fornecer, justificar moralmente, dar sentido e propor uma visão do mundo. Na medida que o pensamento científico aponta questões, o mito dá respostas precisas apesar de gerais e seletivas. Enquanto o discurso da ciência é revisável, o mito tenta manter sua forma inscrevendo-se na tradição. O discurso mítico impõe-se pela autoridade dispensando a interpretação.

Discurso como o da "sobralidade"¹, portanto, preserva no seu bojo uma forte ligação com a memória apresentada como revelação que permite chegar a realidades ocultas. Ou seja, pretende apontar respostas aos fenômenos primordiais e fundadores de um suposto saber coletivo inato que não precisa apontar evidências e permite dar sentido e estruturar o mundo sensível (Balandier, 1997). Ele opera sobre e contra o caos, dando unidade, ordem e sentido primordial ao mundo. Além, disso como é o caso do discurso da "sobralidade" apropriado e comunicado pela municipalidade, serve como modelo utópico para repensar o presente e planejar o futuro. Esta idéia que pretende identificar e legitimar um determinado modelo virtual de habitante da cidade, constrói e dá sentido às relações sociais reais assim como serve como referencial para a percepção do social e dos próprios indivíduos.

A representação de uma identidade associada a um espaço geográfico, torna-o significativo. Esta representação figura conteúdos concretos apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento, tornando-os reveladores, interessantes, expressivos, ligando os atributos aos sujeitos sociais que habitam este espaço. Como representação mítica, a idéia de "sobralidade" fornece material para caracterizações de um sujeito individual ideal elaborando uma visão coerente e uma analogia entre sentido e forma do real construído coletivamente. Porém, para esta construção o mito retém somente algumas dimensões deste real e despreza aquelas que provocam ruídos que podem destruir a "harmonia" geral ou coletiva.

Para a compreensão da "sobralidade", portanto, deve-se compreender a rede de significações e de relações estabelecidas no contexto espacial ao qual esta representação faz referência. Assim como, deve-se tentar deixar de lado a "tentação" do cientista em classificá-la como verdade ou mentira.

Ao tomar-se o conceito de "sobralidade" como um representação mítica, o pesquisador tem que percebê-lo como construção simbólica ou mental elaborada socialmente para servir de instrumento de apreensão da realidade na qual o indivíduo está situado. Neste sentido, as representações tem como base a experiência individual em um determinado agrupamento coletivo. Ou seja, o indivíduo não nasce dominando os códigos de apreensão e

¹ Pode-se citar como exemplo discursos semelhantes que tem uma aura mítica como o que tenta abordar e caracterizar o ser brasileiro, português, mineiro ou gaúcho, dentre outros.

interpretação do mundo para conduzir suas ações. Muito pelo contrário, ele aprende. E este aprendizado reproduz um determinada forma particular de conceber a realidade e agir, construída coletivamente, socialmente e culturalmente. Como vivemos em uma realidade social extremamente complexa e diferenciada, configurando experiências sociais também diferenciadas, pode-se perceber que existem diferentes formas de apreensão, interpretação e ação na realidade, assim como modelos gerais que servem de álibi para construção de uma imagem de um ser coletivo uno. O pensamento e as representação sobre o mundo, são estruturados culturalmente, assim como estruturam e constroem o mundo social. A mesma representação pode apresentar significados diferentes para indivíduos distintos, ou para um mesmo indivíduo em diferentes momentos. Pessoas diversas podem interpretar uma determinada representação do mundo de formas diferentes em circunstâncias distintas. Uma determinada representação como a noção de "sobralidade" não será compreendida se for inflexível e ambígua.

Apesar de parecer desinteressado e "neutro" o mito da "sobralidade" está permeado por relações de poder na qual todos os segmentos sociais disputam, através de seus discursos e práticas, implícita ou explicitamente, um lugar social no campo de posições sociais tendo em vista impor a todos uma determinada definição do mundo social conveniente a interesses particulares de cada grupo. Esta luta se dá tanto no cotidiano quanto dentre os especialistas da produção simbólica².

Com base em Bourdieu (1989), pode-se dizer que as representações são construções simbólicas que servem de instrumento de apreensão da realidade, sendo elaborações relacionais. Ou seja, o sentido da "sobralidade", por exemplo, só pode ser entendido em relação ao contexto espacial e temporal do grupo que produz o discurso sobre o tema. Os motivos deste caráter reducionista, seletivo e relacional das representações, como lembra Penna (1992) através da teoria de Moscovici, deve-se à dispersão e a desigualdade da disposição das informações às quais os indivíduos têm acesso, informações estas reguladas pela sociedade na qual ele está situado. Além disso, a focalização dos indivíduos ou grupos diferenciados com relação aos seus interesses, valores e posição social e, a pressão social pela qual todos passam para responder ao meio e emitir opiniões, explicações e julgamentos, são construído de acordo com os códigos de linguagem apreendidos na experiência das pessoas em um grupo social particular.

As representações, portanto, são produtoras de sentido disponibilizando elementos múltiplos para explicação e interpretação do mundo, intervindo no processo de organização das práticas sociais no cotidiano. Este sentido produzido por um ponto de vista particular ao fruto da relação entre aprendizagem e experiência, é naturalizado e visto como se tivesse um significado em si mesmo, sem precisar de explicação. O sentido produzido para a "sobralidade", por exemplo, passa ser a verdade sobre a forma de ser sobralense. Ou seja, a "sobralidade" dita e construída socialmente, passa a ser vista como imanente do próprio ser dos habitantes da cidade.

OS JOGOS DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO: O CASO DO "SANGUE", DO "HERÓI" E DA "FAMÍLIA TRADICIONAL"

O processo de identificação também funciona como uma forma de classificação social no mundo. Os esquemas elaborados que caracterizam os grupos sociais, têm como base a disputa pelo ponto de vista melhor aceito culturalmente. O que está em jogo neste processo é o poder de fazer ver e crer em uma determinada visão da realidade. Os habitantes da cidade de Sobral, são classificados como "sobralenses", porém, dependendo do elemento escolhido como critério, se diferenciam em grupos diferentes.

Nas eleições de 1996, por exemplo, o discurso dos candidatos demonstrava este jogo de classificação e a forma de seu funcionamento. Todos eles ressaltavam a necessidade de afirmação de uma tradição sobralense, situando-se no mundo lembrando e exaltando a memória de Dom José Tupinambá da Frota, o principal "personagem heróico" recordado por eles em seus comícios. Por parte da candidatura vitoriosa, a candidatura Cid Gomes, outros "heróis" eram lembrados como "ancestrais", dando visibilidade a seus projetos, tendo em vista retornar o momento histórico no qual estes ancestrais viveram.

Nos palanques a associação do candidato aos "heróis" que "fazem a história de Sobral", é recheada com uma forte importância dada ao nome de família de cada "herói" exposto. Com relação a exaltação do nome de família

² Dentre os especialistas estão aqueles que trabalham com a produção de imagens difundidas no espaço público (mídia).

no discurso dos candidatos, pode-se fazer uma análise análoga a de Abreu Filho³(1982), ao debruçar-se sobre as relações familiares como sistema de parentesco em uma pequena cidade mineira. O autor considera que o "sangue" é um instrumento de identificação e diferenciação das famílias e, conseqüentemente de tipificação dos indivíduos. Desta forma, quando nos deparamos com discursos como do de Cid Gomes que constantemente lembrava da memória de seu pai⁴, abre-se a possibilidade de pensar a hierarquia social a partir de uma hierarquia de famílias. Assim, pessoas são reconhecidas e identificadas segundo o critério da consangüinidade, como se pensa a cidade de acordo com a ordenação hierárquica das famílias. No discurso de Cid Ferreira Gomes, o seu "sangue" se opõe ao "sangue" dos "Prado" ou dos "Barretos" e a eles são atribuídos características relativas ao "atraso", "arcaísmo", enquanto que sua candidatura representa a modernidade e a retomada do crescimento, próprio da herança adquirida pelo seu pai.

O "sangue", neste tipo de discurso passa a ser construtor de uma identidade, configura-se como definidor e transmissor de qualidades ligadas à constituição do corpo, de instintos e da conduta moral e comportamental, qualidades estas perpetuadas de geração a geração. No caso da candidatura Cid Gomes, ele passa a ser parte de uma totalidade ancestral que o transcende, o define como pessoa, o explica e o localiza na hierarquia construída no contexto das relações sociais. Esta totalidade representada pelo sangue estabelece diferenças entre as várias "famílias tradicionais", construindo uma "natureza" específica para cada uma delas. Isto é, a cada família são atribuídas características específicas de acordo com a conduta moral, comportamental, condição econômica e destaque em campos específicos de sociabilidade (como a educação, a arte, a política e outros), constituindo o mito da "tradição familiar", baseada em tipificações que têm a pretensão de influenciar a constituição da individualidade de cada membro da família. Esta tipificação é relacional à posição social de quem fala, apesar de ter a pretensão de ser imanente à família sobre a qual se fala.

A "sobralidade triunfante" é construída no eixo desta disputa de qual família é a legítima representante deste mito. E as eleições de 1996 foi o exemplo claro disso. A elite local usa do artifício do "nome da família" para legitimar uma proeminência relativa à posição social que ocupa e, ao mesmo tempo, representa uma conformação sócio-moral da hierarquia social.

Mas, como já foi dito este não é o único recurso. O peso da tradição, representada pelo mito do "herói", principalmente o de Dom José, tende a somar na disputa pela legítima representação da "sobralidade" elaborada pelos grupos familiares que constituem a elite da cidade nos dias atuais. O mito Dom José hoje é o mais preeminente dentre todos os considerados pela elite como "sobralenses ilustres", tanto nos meios de comunicação, como nos livros que falam sobre a Cidade e no cotidiano das praças, feiras, comícios políticos, e outros lugares. Ele é o mito mais disputado pelos distintos grupos políticos de base familiar.

Dom José Tupinambá da Frota foi o primeiro Bispo de Sobral. É considerado pela elite local como o maior benfeitor da Cidade. A ele é creditada a criação da infraestrutura que hoje a cidade possui em várias áreas. Além do museu que tem o seu nome, a ele foram creditadas obras como: a Santa Casa de Misericórdia (hospital), o Seminário Diocesano (hoje Universidade Estadual Vale do Acaraú), escolas, banco de crédito etc. Em razão da importância destas obras para a vida da Cidade, na comemoração do aniversário da Santa Casa em 1997, uma das músicas que eram ouvidas nos carros de som na Cidade dizia: "Dom José deu luz e vida à cidade de Sobral".

Desta forma, o "herói" Dom José, se constrói inserido em uma lógica onde o conceito geral da representação de uma identidade, que é um simulacro do real, absolve o conceito específico do "diferente" que vira símbolo, exprimindo, em sua construção imagética, uma visão coerente, sensata e completa dos destinos da coletividade. Os impulsos emocionais, a espera, a esperança e a adesão são mobilizados através e em nome do tipo de diferença representada por ele.

A "herádica cidade" quando repassada através das palavras poéticas de Ismael de Thebas (J. Isaias Thomaz), publicadas em 14 de agosto de 1973 no jornal Correio da Semana em Sobral, na ocasião do bicentenário de criação da cidade, nos dá uma idéia mais clara do que se fala do mito Dom José e as associações que se fazem a ele no âmbito do conceito mais genérico de "sobralidade":

³ A cidade analisada pela pesquisa do autor é Araxá, cuja população é estimada em torno de sessenta e cinco mil habitantes na década de oitenta, quando a pesquisa foi realizada.

⁴ O nome de seu pai era José Euclides Ferreira Gomes, ex-prefeito da cidade e um político muito lembrado e cultuado pela elite local.

"Heráldica cidade, hospitaleira e boa, / Teu nome, teus brasões, cantar, quem poderia? / "Real Vila Januária", no tempo da coroa, / És, "Princesa do Norte" agora, com ufania! / Teu passado de glória, aos ventos se anuncia, / Qual eco de clarim que, muito além, ressoa, / Das praias ao sertão, do vale a serra: / A fama de ser nobre, um povo conquistou-a. / Terra de Dom José - esplêndida cidade - / Teus filhos deram vida à pátria, na verdade; / O Estado, à região não tem de certo, igual! / Quem dormiu no teu seio e te conhece a história, / Ao ver-te conquistar páramos da glória, / Exulta no teu dia heráldica Sobral."

Percebe-se neste poema, lembrando sempre a reflexão sobre o conceito mais geral da "sobralidade triunfante", que destaca-se, como o único nome citado dentre os "...filhos [que] deram vida à pátria...", o de Dom José. Aliás ele virou o "dono da terra". A imagem que se passa é de que a cidade se entregou a seus braços. Cidade Heráldica, famosa e gloriosa que dentre os seus "filhos ilustres" o único que merece a honra de ter a sua posse é o Bispo-Conde, conquistou ares aristocráticos que circulam dentro do espaço citadino que se projeta, segundo as palavras do autor, a outras cidade e regiões. Não só se projeta, mas dá "vida à pátria". O passado dá o tom da "diferença", que trazido pelos ventos, é anunciado pelo toque do clarim que ressoa além da cidade, por toda a região. A nobreza da cidade se destaca pela imagem de "princesa". E quem dá o tom de toda a sua nobreza é o "dono da terra": Dom José.

Desta forma, fica difícil percebermos quais os limites entre o simulacro representado no mito e uma tentativa de relato histórico real, pois o mito constrói a transmutação do real, ao mesmo tempo em que processa a constituição das relações sociais na cidade. E isso parece ser imprescindível hoje em Sobral.

O momento hoje é de exaltar a "sobralidade" como diferente de outras identidades locais. A marca da diferença hoje, com uma presença quase que arrasadora diante de outros heróis, que não deixam de ter seu "altar", mas são mais modestos diante do erguido para ele, é Dom José Tupinambá da Frota. E toda a memória construída na cidade se rende a este mito.

MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Pensando com Deleuze (1988), pode-se conceber o passado e o futuro não como designadores de instantes diferentes do presente, mas dimensões do próprio presente. A percepção do passado e do futuro é contraído pelo instante presente e constitui o tempo. A adoração da imagem de Dom José relacionada a um passado de opulência o qual ele foi um dos responsáveis, apresenta-se como particular representado como geral. Isto é, é o destaque, ou a diferença produzida culturalmente que representa a "sobralidade" (generalidade), assim como as expectativas de regras a serem seguidas ou mobilizadas para um futuro promissor. A imagem que qualifica o caso particular da memória que representa o mito do "herói" Dom José, o coloca como diferente, e, apesar de tentar preservá-lo no espaço e tempo que lhe é próprio, estimula a reflexão e a reprodução de um determinado modelo de interpretação e ação no mundo social no presente, assim como um modelo específico de reflexão para previsão do futuro.

Portanto, o passado que se faz presente na memória sobre a "sobralidade", é seletivo, representado, introjetado e reproduzido nos e pelos vários grupos sociais da cidade que constroem expectativas que interessam ao presente destes grupos. É uma superposição e uma troca constante entre o entendimento, que tem a ver com a vivência concreta de cada grupo que gera a reflexão do particular dentro da generalidade relativa à realidade da forma de relação dos grupos na cidade, e a imaginação que tem a ver com a construção de representações refletidas tendo em vista um "para-nós" que é concretizado na tentativa de acionar sínteses identitárias.

Partindo deste reflexão podemos distinguir bem a diferença entre recurso a memória, e o esforço da academia de reconstituição científica da história. Nora (1993) coloca que a memória é uma vida carregada, imaginada e reproduzida por grupos vivos, estando em permanente transformação e aberta tanto à lembrança quanto ao esquecimento. Já a percepção pautada na ciência tem uma tendência totalizante. Ela desconfia da memória tentando reconstruir de forma sempre incompleta o que existiu no passado. A ciência procura detalhes sobre as relações objetivas do ser humano com o espaço e, principalmente, com o tempo e as relações subjetivas inseridas e imbricadas com o mundo objetivo. Ela pertence a todos e a ninguém, dando-lhe uma vocação para o universal. Já a memória se enraiza no concreto, é um absoluto ancorada na tradição. Como diz Nora, a memória sacraliza o discurso sobre a história, e a ciência pretensiosamente tenta libertá-la do dogma, entendendo-a como prosaica. A memória é construída no contexto do tempo e espaço de um grupo social, portanto, ela é múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individualizada, apesar de não apresentar-se enquanto tal.

Portanto, a tendência de uma ciência da realidade histórica é sempre de interpretar a realidade de grupos que ocupam, delimitam e defendem, usando como um dos recursos a construção da memória coletiva, a identidade

crystalizada nos espaços, objetos, monumentos e lugares, assim como constroem e defendem um território subjetivo (expressão da representação de sua identidade e processo de produção da subjetividade) e objetivo (espaço geográfico) e se identificam de acordo com a exclusão de outros territórios. Defesa esta que está inserida em um conflito onde o poder simbólico dominante é construído dentro da luta entre capitais culturais, econômicos e políticos diferenciados nos vários campos de sociabilidade. Capitais estes que são acumulados, processados e expressos dentro destes campos, como diria Bourdieu.

Para Le Goff: "A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia" (1994, p.476). O tema "busca" é fundamental para entendermos a lógica da construção da identidade. Isso porque não podemos entender a identidade em si mesma, e sim, como um elaboração em curso que tem a pretensão de esconder negociações de significados e signos, choques de temporalidade, influência externas ao espaço/tempo relativo a particularidade da construção identitária e relações de poder. A intenção é uma elaboração de um ordenamento, uma tentativa de homogeneização da dinâmica social, em contraposição ao caos. Como a identidade não se constrói em contraposição a outras, constrói também a diferença. Diferença esta que passa a ser necessária tendo em vista suprir carências, seja emocionais ou materiais, existentes na realidade social.

O "sobralense", de conceito abstrato, passa a ser referência utópica de uma realidade a ser concretizada no presente, pensando no futuro e com base em um passado selecionado. Um "passado utópico" ideal, o qual recorda que Sobral já chegou a ser uma das principais cidades do estado do Ceará. O slogan da administração municipal atual (1997/2000) denota muito bem isso: "Sobral No Rumo Certo". Pode-se dizer que este slogan traduz o anseio de transformar este momento histórico em uma reiteração dos horizontes da "sobralidade triunfante" pautada em uma ação que conduza, direcionada por uma idéia de autoconsciência coletiva expressa em um discurso ufanista, no qual a memória se reúne numa mobilização do desejo pelo futuro promissor, que tenta construir uma unidade ou constância no tempo vivido no presente pelo indivíduo, projetando esta unidade como necessidade para gerações futuras. A intenção é sustentar um reconhecimento desta constância e desta unidade com vistas a um tipo de segurança desejada pelos indivíduos. É uma tentativa de interseção entre identificação e identidade (desejo de ser e o que se pensa que é). O discurso da municipalidade tenta renovar marcas já consagradas da "sobralidade triunfante". O que é bom para o sobralense é o que já é dele. A idéia é de que Sobral está hoje no "rumo certo", como esteve no passado.

IDEOLOGIA, MITO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Esta idéia perpassada pelo *slogan* é um exemplo dentre outros do usos e abusos do processo de construção do discurso que pretende identificar um agrupamento social. É um discurso, como dito, localizado espacialmente e temporalmente, porém serve como exemplo para a compreensão de discursos semelhantes que resguardam uma idéia de unidade, de pertença a um lugar e uma identificação da diferença. Porém, não pode ser compreendido como uma elaboração discursiva desideologizada ou neutra. A ideologia aqui não pode ser vista como uma distorção do real. O real é construído socialmente, portanto, não podemos defini-lo de forma essencialista, achando que ele existe em si mesmo. Se o percebemos como construção, não dá para definir a ideologia como ilusão, pois ela, também é uma elaboração referente a este real construído. Ela tem um caráter positivo também, tendo em vista que edifica uma determinada forma específica de integração social entre diferentes segmentos da sociedade. A dimensão da dominação por si só, apesar de ser importante, não explica o discurso ideológico.

Como alerta Ricoeur (1990), a ideologia permite a estabilidade e previsibilidade de um sistema de significações. Segundo o autor o discurso ideológico está "... ligado à necessidade, para um grupo social, de conferir-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar" (Ricoeur, 1990:68). No que se refere a idéia mítica da "sobralidade triunfante", o seu conteúdo ideológico exerce uma fascinação ao sobralense, principalmente o da elite, que distancia a memória social selecionada do tempo no qual ocorre o acontecimento, difundindo a sua convicção para além do "tempo fundador", convertendo-se em um credo de todo um grupo social, perpetuando a "energia vital" do tempo de efervescência do acontecimento referido pela memória.

Portanto, a relação mito, ideologia e memória, é semifictícia e semi necessária para qualquer sociedade independente do "grau de consciência" de sua população. A questão é como medir o grau de consciência e com que critérios matemáticos chegamos a esta medida? A consciência não é dada em si mesma, e uma construção social. E como tal não dá para ser julgada com critérios puramente objetivos. O próprio pesquisador, ao elaborar um discurso crítico, posiciona-se no mundo, portanto, tem uma ideologia, tem suas imagem que lhe serve como referência, assim como prende-se a um passado para afirmar sua identidade.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU FILHO, Ovídio de. "Parentesco e Identidade Social". in.: *Anuário Antropológico/80*. Edições UFC/Tempo Brasileiro, 1982.
- BALANDIER, Georges. *A Desordem: Elogio do Movimento*. tradução Suzana Martins, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. tradução Fernando Tomaz, Rio de Janeiro/Lisboa, Bertrand Brasil/DIFEL, 1989.
- CAILLOIS, Roger. *O Mito e o Homem*. tradução José Calisto dos Santos, Lisboa, Edições 70, 1972.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. 2.ed., tradução Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. "Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites". In.: Vale, Edênio & Queirós, José (orgs.). *A Cultura do Povo*. 3ed., São Paulo, Cortez, 1984.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. tradução Celina Cardim Cavalcante, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3ed., tradução Bernardo Leitão, Campinas, UNICAMP, 1994.
- NORA, Pierre. "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares". in.: *Revista Projeto História*. São Paulo, EDUC, 1993.
- PENNA, Maura. *O que Faz ser Nordestino*. São Paulo, Cortez, 1992.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, F. Alves, 1990.
- THEBAS, Ismael de (J. Isaias Thomaz). "heráldica cidade". *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 14 de agosto de 1973.